

IAOD do Deputado Lee Koi Ian em 28.04.2026

Optimizar a “economia de bilhetes” e promover a eficácia dos eventos em benefício das zonas comunitárias

Nos últimos anos, atendendo à posição de Macau como “Centro Mundial de Turismo e Lazer”, o Governo tem apostado na organização de eventos diversificados para elevar constantemente a atractividade de Macau e promover a diversificação adequada da economia. No ano passado, a DSEDTE lançou o plano “concertos + benefícios de consumo nas zonas comunitárias”, para desenvolver, em conjunto, a “economia de bilhetes”, encaminhando eficazmente o fluxo de visitantes dos concertos para as zonas comunitárias e impulsionando o consumo, para que os benefícios económicos dos concertos possam beneficiar as PME dessas zonas.

No entanto, a actual “economia de bilhetes” destina-se principalmente aos visitantes com bilhetes para eventos. De facto, em vários espectáculos populares, concentram-se nas imediações dos pavilhões um grande número de visitantes, que também foram atraídos pelos eventos, mas que não têm bilhetes. Estes visitantes são potenciais consumidores, o que é necessário para ampliar os efeitos dos eventos. Desde que haja uma orientação científica e uma transformação eficaz, todos os visitantes que vêm por motivo dos espectáculos, independentemente de terem bilhetes ou não, podem transformar-se numa força activa para impulsionar o desenvolvimento da economia comunitária.

Para alargar ainda mais o efeito da “economia de bilhetes” e permitir que os dividendos dos eventos cheguem verdadeiramente às zonas comunitárias, beneficiando ainda mais as PME, apresento as seguintes três sugestões:

Primeira, tomar a iniciativa de desviar o fluxo de pessoas fora dos recintos e activar o potencial de consumo nas zonas comunitárias. No decorrer dos espectáculos populares, além dos recintos estão cheios, lá fora também há muitas pessoas. Muitos visitantes que não conseguiram bilhetes permanecem e fazem “check-in” nas imediações dos pavilhões. Em vez de se manter a ordem pública de forma passiva, deve-se tomar a iniciativa de encaminhar esses visitantes para as zonas comunitárias ao lado ou para os espaços desaproveitados. Proponho ao Governo que coordene com as PME ou as entidades organizadoras, para criar “zonas para os fãs” regulamentadas e ordenadas, nas zonas comunitárias que reúnam condições para tal ou em locais adequados, com serviços de comidas e bebidas típicas e experiências culturais e criativas, e com instalações para “check-in”, etc. Isto tudo não só para proporcionar um local onde os visitantes, que não conseguiram bilhetes, possam sentir a atmosfera de eventos e participar em actividades interactivas, mas também para transformar o fluxo de visitantes de curta duração numa verdadeira força motriz para o consumo, beneficiando directamente as PME das zonas comunitárias.

Segunda, otimizar os pacotes temáticos de eventos e prolongar a eficácia da cadeia de consumo. A chave da “economia de bilhetes” reside em tomar os eventos como ponto de partida, não só para reter os visitantes, mas também para impulsionar o consumo. Proponho às autoridades que façam um balanço sério do plano de “concertos + benefícios de consumo

nas zonas comunitárias”; aproveitem as vantagens e supram as insuficiências; aprofundem a cooperação com as principais plataformas de venda de bilhetes e de turismo do Interior da China e do exterior; reforcem o lançamento de pacotes integrados de “one-stop” para eventos, abrangendo “transporte, alojamento, restauração, eventos e excursões comunitárias”, orientando os visitantes a passarem de uma mentalidade de “virem para um espectáculo” para “permanecerem para uma experiência diversificada”, maximizando a eficácia global dos eventos e contribuindo para a construção da “Cidade das artes performativas”, impulsionando a diversificação adequada da economia de Macau para um desenvolvimento mais profundo e efectivo.

Terceira, reforçar o envio preciso de dados e concretizar o encaminhamento inteligente. Actualmente, as autoridades lançaram várias plataformas de promoção “online”, o que constitui um suporte para o desenvolvimento da “economia de bilhetes”, mas ainda há espaço para optimização em termos de informações, partilha de dados, etc. Sugiro que as autoridades aprofundem a “potencialização de dados”, unam as instituições de artes performativas e as principais plataformas turísticas e estabeleçam um mecanismo inteligente de envio de informações, para que, quando uma pessoa compra um bilhete ou entra em Macau, o respectivo sistema envie com precisão, de acordo com as preferências de interesse dessa pessoa, informações como “mapas de consumo”, ofertas periódicas, actividades típicas nas imediações do local do espectáculo ou em zonas comunitárias específicas. E mais, devem ainda criar um mecanismo de partilha de dados mais aberto, para “devolver” atempadamente aos lojistas das zonas comunitárias os dados de fluxos e as análises sobre as preferências de consumo decorrentes dos eventos, ajudando as PME a optimizar a oferta de produtos, ajustar as estratégias de “marketing”, concretizar a transformação e a valorização. Assim sendo, a eficácia dos eventos não se limita ao nível de “fluxos”, mas também se transforma em “activos digitais” com o desenvolvimento sustentável, proporcionando um sólido suporte de dados para o desenvolvimento a longo prazo da “economia de bilhetes” de Macau.